

Fernando Fernandes
com Pablo Miyazawa

INQUE

APRESENTAÇÃO
Flávio Canto

BRÁVEL

A história do
atleta que se
reinventou
depois de perder
o movimento
das pernas

BRÁVEL

Copyright © 2017 by Fernando Fernandes e Pablo Miyazawa

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi

FOTO DE CAPA Rafael Roncato

FOTO DE QUARTA CAPA Alexandre Socci

FOTOS DE MIOLO Acervo pessoal, exceto:

pp. 133 e 136: TV Globo

p. 134: Balint Vekassy (ICF)

p. 135: Leo Bosco Photographer

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernandes, Fernando

Inquebrável: a história do atleta que se reinventou depois de perder o movimento das pernas / Fernando Fernandes, com Pablo Miyazawa. – 1ª ed. – São Paulo: Paralela, 2017.

ISBN: 978-85-8439-079-3

- I. Atletas – Brasil 2. Esportes aquáticos
3. Fernandes, Fernando 4. Memórias autobiográficas
5. Superação – Histórias de vida 1. Miyazawa, Pablo.
II. Título.

17-05086

CDD-796.092

Índice para catálogo sistemático:

I. Atletas: Memórias autobiográficas 796.092

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

SUMÁRIO

Apresentação

Fernando, o super-humano, Flávio Canto 7

Prólogo II

PARTE 1: ANTES DA QUEDA 17

Bagunça Futebol Clube 19

Soldado Pádua 25

“*Can I play?*” 32

Muito glamour, pouco dólar 36

BBB 41

Sobrevivendo à fama 47

Nu 55

Perfume de mulher 59

PARTE 2: DIÁRIO DE UM RESILIENTE (2009-10) 63

PARTE 3: A VIDA PELA FRENTE 137

A alta 139

O primeiro banho 143

| | |
|------------------------------------|-----|
| Reunião familiar | 145 |
| Voltando para mim mesmo | 149 |
| Fred e Diana | 153 |
| A volta | 162 |
| O último será o primeiro | 165 |
| “Quero ser campeão” | 170 |
| Outro mundo | 176 |
| Modelo de campeão | 180 |
| Um sonho paralímpico | 184 |
| O esporte é espetacular | 189 |
| Derrotas de surpresa | 196 |
| O adeus | 201 |
| Realidade e maturidade | 207 |
| A vida sexual do lesionado medular | 210 |
| Aceitar para amar | 214 |
| Eu na multidão | 219 |
| E o futuro? | 223 |
| Epílogo: andar com fé | 228 |

Posfácio

| | |
|--|-----|
| O Nando que eu conheço, Pablo Miyazawa | 233 |
|--|-----|

APRESENTAÇÃO

FERNANDO, O SUPER-HUMANO

Flávio Canto

Eu tinha parado de competir havia poucos meses e ainda me sentia um faixa branca apresentando um programa na tv Globo. No caso, o *Corujão do Esporte*. Com pouquíssima experiência de tv, minha proteção era estudar ao máximo cada convidado que eu recebia. Naquele dia, o que me chamava mais atenção era o Fernando. Lembrava dele da época do *BBB*, mas sua presença no estúdio tinha um motivo bem diferente. Apenas um ano depois de um acidente que o fizera perder os movimentos das pernas, ele tinha ganhado seu primeiro mundial de paracanoagem. Boxeador, jogador de futebol, modelo, campeão do mundo... Eu recebi um cara cheio de vida. Tivemos uma conexão imediata.

Alguns meses depois, eu estava em Londres cobrindo as Olimpíadas de 2012 como comentarista de judô e, já inspirado por aquele primeiro contato com o Fernando, comecei a me apaixonar pelo movimento paralímpico. A campanha do canal de tv inglês Channel 4 era espe-

tacular. “Obrigado pelo aquecimento. Você conheceu os superatletas. Agora conheça os super-humanos”, dizia um dos comerciais que anunciavam as Paralimpíadas, que aconteceriam na sequência. Na trilha, a música pauleira “Harder Than You Think”, do Public Enemy. Era uma fase de desconstrução do “coitadismo paralímpico”. Surgia ali um novo olhar. Curioso, resolvi viajar até o Stoke Mandeville Hospital, a uma hora de Londres. Foi lá que um neurologista judeu alemão, fugindo do nazismo na véspera da Segunda Guerra, percebeu a força do esporte na reabilitação dos soldados. Era o começo dos Jogos Paralímpicos e do meu treinamento para a missão que me aguardava no Brasil: o *Boletim Paralímpico*, um programa que passaria na tv Globo todas as noites durante as Paralimpíadas de Londres.

Meu parceiro nessa empreitada seria um especialista em esporte, o tetracampeão mundial de paracanoagem Fernando Fernandes. Foram dias de emoção e muito aprendizado. Tudo o que havia estudado ficava pequeno diante dos recordes quebrados pelo nadador Daniel Dias, da velocidade do Alan Fonteles e, em especial, das “aulas” que tinha diariamente com o Fernando. Foi ele quem me ensinou que, muito mais relevante que a “deficiência” percebida naqueles competidores, era a extraordinária capacidade de adaptação e eficiência de cada um deles. Todos tinham encontrado uma nova forma de lutar, correr, saltar, remar, nadar, pedalar... Todos se reinventaram — e triunfaram.

Tenho a impressão de que foi nessa mesma época que o Fernando percebeu que sua história não era mais

só dele. Por trás da sua força foi crescendo um sentimento de responsabilidade, que precisava ser compartilhado. Nascia o Instituto Fernando Fernandes, focado na melhora da vida de crianças com deficiência, e um Fernando ainda mais dono do seu caminho. Quase um missionário da mensagem de que todos podemos (e devemos) ir além e conquistar o improvável. Na neve, no ar, no deserto, nas corredeiras: lá estava ele para lembrar que os limites estão ali até o momento em que decidimos desafiá-los.

A parte que mais me impressiona neste livro, e que melhor traduz o Fernando, passeia nas linhas do diário que ele começou a escrever logo depois do acidente. Apesar de todas as mudanças impostas pela nova condição, não há um dia sequer em que ele não encare a vida e o futuro com coragem e peito aberto. Num trecho do dia 12 de agosto de 2009, quarenta dias depois do acidente, Fernando escreveu: “No fim dessa história, talvez eu me torne um sujeito melhor”. É como me sinto depois de tê-lo conhecido e é como você deve se sentir depois de terminar este livro, contaminado pelo espírito inquebrável do meu amigo.

PRÓLOGO

VENCEDOR

Foi só quando entrei na água e alinhei o caiaque na raia que percebi que minha cabeça estava a mil por hora. Tentava lidar com uma mistura de sensações conflitantes — nervosismo, ansiedade, confiança, tudo junto —, porque sabia bem o quanto havia me dedicado até aquele momento. A cidade era Poznań, na Polônia, no auge do verão europeu, e eu, diante de uma plateia de 5 mil pessoas, estava pronto para competir na final do primeiro campeonato mundial de paracanoagem. Como havia chegado ali mesmo?

Era 20 de agosto de 2010, e fazia pouco mais de um ano que eu havia sofrido a lesão que me tirou os movimentos das pernas. Tinha dedicado os oito meses anteriores ao esporte, o que fazia de mim um atleta de verdade. Nesse período, busquei maneiras de aprender a praticar uma modalidade que quase ninguém conhecia no Brasil. Fizera daquele aprendizado a minha maior prioridade. E,

de repente, lá estava eu, sentado em um barco, alinhado para a primeira grande prova da minha vida.

O título seria decidido em uma só corrida e havia nove atletas competindo. Ventava muito, o que é um problema para a paracanoagem, porque atrapalha o equilíbrio. Mas não era um obstáculo grande para mim, que já estava acostumado a lidar com o vento do lago Paranoá, em Brasília, onde aprendi a remar.

Quando ouvi a buzina da largada, saí como se fosse uma britadeira. Remei como se minha vida dependesse daquilo. Depois de 56 segundos, que nem senti passar, atravessei a linha de chegada. Olhei para um lado e não vi ninguém. Para o outro, ninguém também. Eu havia cruzado sozinho e era o campeão. O primeiro campeão mundial da modalidade.

Muita gente me pergunta: no que você estava pensando durante a prova? Você se lembra de alguma coisa? Nada. Não faço ideia do que aconteceu e não me recordo de um único segundo daquela corrida. No documentário *Senna*, o piloto comenta sobre certa corrida: “Percebi que já não estava mais dirigindo conscientemente. Para mim, era como se fosse outra dimensão. Eu estava além da minha compreensão consciente”. Hoje consigo entender isso, porque também não me lembro de nada.

Quando me dei conta, não me segurei e gritei: sou campeão mundial! CAMPEÃO MUNDIAL. Tinha vencido, descoberto meu lugar no mundo, me reencontrado na sociedade, finalmente achado a minha estrada. Ao subir no alto do pódio, me preparei para receber a medalha — o “selo de garantia” de todo o meu esforço. Aquele

foi o momento exato em que me senti mais vitorioso. Não foi por ter sido campeão, mas por ter saído do nada, do zero, tão desacreditado. Enfim tinha sido recompensado depois da grande reviravolta.

Então abri os braços, olhei lá para o alto e, bem de dentro, veio o outro grito que soltei para o céu: **VENCI!** Venci na vida. Fechei os olhos. E consegui enxergar, como um filme, as lembranças de pouco mais de um ano antes.

PERDEDOR

Aquele 3 de julho de 2009 começou com o sol brilhando forte, do jeito que sempre amei. Parecia uma sexta-feira como outra qualquer, mas eu estava mais ansioso que o de costume. Era o dia de ir à agência de modelos para acertar a papelada e os detalhes da minha viagem de trabalho mais importante até então. Dali a alguns dias, iria para Milão desfilarmos com exclusividade para a grife de luxo Dolce & Gabbana. De lá, seguiria para Nova York, onde passaria uma longa temporada fazendo mais trabalhos como modelo. Tudo o que eu fazia nos últimos tempos era esperar. Comia pouco, treinava intensamente e me cuidava para ficar em forma. Não podia nem pensar em fazer feio no grande momento da minha carreira. Parecia que tudo se encaminhava conforme o planejado.

Tomei meu café, me arrumei e fui para a agência. De lá, segui para a academia e comecei meu ritual de exer-

cícios. Primeiro, fiz trinta minutos de esteira para aquecer e abrir os pulmões. Depois, enrolei as ataduras nas mãos, vesti as luvas de boxe e deixei a alegria começar. Passei uma hora e meia batendo em sacos de areia, me esquivando, ouvindo música e suando até os braços não aguentarem mais. Voltei para casa, tomei um banho e almocei pouco. A tarde estava tão agradável que resolvi correr no parque para continuar o treinamento.

Depois da corrida, fiquei sentado, relaxando no sol, e até esqueci que o celular estava na mochila. Só no fim da tarde vi a mensagem: meu pai tinha me chamado para jogar futebol naquela mesma noite, no campeonato do Clube Atlético Indiano, perto da represa de Guarapiranga, nos arredores de São Paulo, onde ele era técnico. Fominha que era, não consegui falar não. E lá fui eu calçar as chuteiras.

Aquela era a terceira atividade física que eu praticava em menos de doze horas, um exagero, obviamente, e é claro que meu corpo começou a reagir. Minhas pernas doíam e quase não respondiam durante o jogo. Até comecei a dar passes errados. Não conseguia tocar na bola sem sentir câibra nas panturrilhas. No final do primeiro tempo, estava tão exausto que pedi ao meu pai para sair.

Depois do fim do jogo, tomei um banho e, como era sexta-feira, fiquei curtindo a noite com a rapaziada do clube. Depois de horas de papo furado, me despedi de todo mundo com um aviso: só vou voltar daqui a quatro anos. Este era o meu objetivo naquele momento: assim que finalmente saísse o trabalho como modelo, eu viajaria pelo mundo e só retornaria ao Brasil quando esti-

vesse com o bolso cheio. Tinha colocado na cabeça que minha rotina seria viver com uma mala, uma mochila e um laptop. Se havia uma única oportunidade na vida para ganhar dinheiro, eu acreditava que seria aquela.

Era tarde e eu estava tão cansado que nem lembro a que horas fui embora. Acredito que já passava das três da manhã quando entrei no carro. Dei a partida. Não pus o cinto de segurança. E, nas mãos de Deus, fui para casa.

Casa? Mas aquela não era a minha cama. Eu estava deitado em uma maca e percebi que me empurravam. Muito atordoado, confuso e dolorido, não entendia o que se passava. Que lugar era aquele? O que estava acontecendo? Olhando para cima, vi que estava em um longo corredor com luzes fortes que me cegavam. De repente, me deixaram em uma sala toda branca, onde me vi cercado de homens de idade e mulheres loiras e bonitas, todos vestidos de branco. Parece clichê, mas juro que cheguei a me perguntar se não havia morrido. Será que estava no céu?

Aos poucos, fui recobrando a consciência e entendi que estava em um hospital. Chegaram meus pais, outras pessoas da família e amigos. Apesar de tantos parentes reunidos, o que não acontecia fazia algum tempo, ninguém parecia feliz. Quando vi minha mãe com cara de choro, tive certeza de que alguma coisa estava muito errada.

Mas eu parecia normal. Entendi que tinha batido a cabeça, mas não percebi nenhum ferimento nem sangue aparente. Então, tentei mexer as pernas. Não senti

nada. Repeti o comando, mas elas não respondiam. Eu não conseguia sentir nada da cintura para baixo. Aflito, perguntei a um médico: “Doutor, o que aconteceu com minhas pernas?”. A resposta de todos era a mesma: “Calma, vai ficar tudo bem”. Estavam escondendo alguma coisa.

Meu tio Étore, que é médico, me explicou pacientemente: “Olha, Nando, você sofreu um acidente. Bateu o carro e estava sem cinto. Você quebrou a coluna”. Minha consciência era pouca, mas aquelas palavras me atingiram como uma bomba. Perturbado, respondi que precisava ir a Milão em alguns dias para fazer os desfiles e que minhas pernas tinham de funcionar de qualquer jeito! Eu falava e chorava ao mesmo tempo. “Calma, você vai passar por uma cirurgia para reconstruir a coluna e vamos ver como o teu corpo vai reagir.”

Foi nessa hora que entendi a gravidade do problema e entrei em desespero. Só conseguia pensar: “Fodeu tudo”. Aqueles minutos ou horas na sala de cirurgia, esperando para ser sedado e operado, foram os mais angustiantes da minha vida. Minha vontade era levantar dali e sair correndo, mas eu não podia. Mal sabia que só conseguiria me sentar outra vez depois de um mês. E quando voltaria a andar?